

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES  
E EXPERIÊNCIAS DOS DOCENTES NO PROCESSO INCLUSIVO DE  
ALUNOS EM URUGUAIANA-RS.**

**ANTONIO MARCOS GOULART**  
**JOSÉ VINICIUS DA SILVA RUBIM**

**Orientadora: Dra. MARTA IRIS CAMARGO MESSIAS DA SILVEIRA**

**Uruguaiiana**  
**2018**

**ANTONIO MARCOS GOULART**  
**JOSÉ VINICIUS DA SILVA RUBIM**

**EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES  
E EXPERIÊNCIAS DOS DOCENTES NO PROCESSO INCLUSIVO DE  
ALUNOS EM URUGUAIANA-RS.**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Educação Física na Universidade  
Federal do Pampa, como requisito para a  
obtenção do grau de Licenciado em  
Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Iris Camargo Messias da Silveira

**Uruguaiana**  
**2018**

**ANTONIO MARCOS GOULART**  
**JOSÉ VINICIUS DA SILVA RUBIM**

Trabalho submetido ao Curso de  
Licenciatura em Educação Física da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito para a obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física.

Trabalho de Conclusão defendido e aprovado em 19 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Iris Camargo Messias da Silveira

UNIPAMPA URUGUAIANA

ORIENTADORA

---

Prof. Dr. Leonardo Magno Rambo

UNIPAMPA URUGUAIANA

MEMBRO

---

Lic. Isabel Nebenzahl

UNIPAMPA URUGUAIANA

MEMBRO

## AGRADECIMENTO

**Antônio Marcos Goulart:** Agradeço a Deus por ter permitido que eu tivesse saúde e serenidade para seguir em frente, aos funcionários de todos os setores do campus, da secretária ao pessoal da limpeza, que tornaram no decorrer deste período de 4 anos, todos os ambientes físicos da universidade em condições de uso pleno, e foram muito importantes nesta caminhada.

Agradeço aos amigos, colegas e professores pelo apoio e companheirismo, agradeço a família inclusão em movimento por ter me recebido de coração aberto e ter me ensinado muito, agradeço a minha orientadora Prof. Dr. Marta Messias pelo apoio incondicional e ensinamentos.

Em especial agradecer a minha família minha esposa e companheira Sheila, minhas filhas Emilly, Valentina e Helena que são meu rumo e minha sustentação, só vocês sabem de todos os empecilhos e dificuldades e nunca negaram seu apoio e compreensão, peço minhas sinceras desculpa e que vocês me perdoem por não ser um esposo e pai presente nestes últimos 4 anos, mas sei que vocês iram entender e compreender todo este processo, saberão que tudo isso foi pela busca de algo melhor não só para mim e nossa família, mas também na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, com menos pré-conceitos e diferenças sociais e humanitárias.

**José Vinicius da Silva Rubim:** Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por nos dar saúde e vitalidade para que possamos concluir este objetivo de 4 anos de estudos, gostaria também de agradecer a minha família que me manteve firme durante todo esse período e em especial a minha namorada que nunca poupou esforços para me ajudar a concluir todos objetivos que tracei neste tempo em que estamos juntos.

O agradecimento final deixo destinado a dois grandes amigos que fizeram dos seus sonhos o meu sonho também, Ricardo Fonseca e Henrique Mendes, criadores do Projeto Inclusão em Movimento que originou todo este estudo e a minha professora e orientadora Marta Messias que possibilitou que tudo isso acontecesse. Muito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho surge da necessidade de oportunizarmos materiais e métodos que auxiliem os professores na inclusão de pessoas com deficiências em aulas de Educação Física, visto que este tema é costumeiramente discutido e diferentemente de outros enfoques da disciplina, não se encontram muitos materiais confiáveis, ou pelo menos já testados, teóricos nem práticos, a disposição dos docentes.

Levando em conta também, que mesmo sendo assegurado o acesso à educação para todos no artigo 205 da Constituição Federal e considerando que o aluno com deficiência deve ser incluído no sistema regular de ensino com condições para o aprendizado e participação social dentro do contexto escolar (ALVES, 2009; MIOTTO, 2010) ainda é realidade para os alunos com deficiência a exclusão causada por diversos fatores, além de conviverem com participação reduzida e baixa interação social com a turma (ALVES, 2009, GOODWIN; WAKINSON, 2000; PLACE; HODGE, 2001), inclusive e talvez mais preocupantemente, pela falta de conhecimento do docente que muitas vezes tem a intenção de realizar a inclusão mas não teve acesso a informações que lhe permitissem esta competência.

Neste aspecto, o trabalho visa compreender quais são as barreiras da Educação Física inclusiva levando em conta o conhecimento de docentes de Uruguaiana-RS, que tenham experiência com o tema, ouvindo suas dificuldades para desenvolver o trabalho e as soluções que encontram para tal prática, bem como, proporcionar uma ajuda para todos que buscam maneiras de incluir seus alunos e não sabem como fazê-lo, através de uma cartilha de atividades baseadas nas experiências práticas destes docentes.

**Palavras-chave:** Educação Física, inclusão, docentes.

## **ABSTRACT**

The present work arises from the need to provide materials and methods that assist teachers in the inclusion of people with disabilities in Physical Education classes, since this theme is usually discussed and unlike other approaches of the discipline, there are not many reliable materials, or at least already tested, theoretically nor practical, the disposition of teachers.

Taking into account also that, even though access to education for all is ensured in article 205 of the Federal Constitution and considering that the disabled student should be included in the regular system of education with conditions for learning and social participation within the school context (ALVES, Wakinson (2000), PLACE (HODGE, 2000), and the role of social interaction with the class (ALVES, 2009, GOODWIN, WAKINSON, 2000) 2001), including and perhaps more worryingly, the lack of knowledge of the teacher who often intends to carry out the inclusion but did not have access to information that would allow this competence.

In this aspect, the aim of this work is to understand the barriers of inclusive physical education, taking into account the knowledge of teachers from Urugaiana-RS, who have experience with the subject, listening to their difficulties in developing the work and the solutions they find for such practice, as well as providing help to all who seek ways to include their students and do not know how to do so through a primer of activities based on the practical experiences of these teachers.

Key words: Physical Education, inclusion, teachers.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Gráfico 1 - Você acha que a Universidade lhe torna apto para trabalhar inclusão nas aulas? .....	09
<b>Figura 2</b> – Gráfico 2 - Qual meio você utiliza para buscar subsídios para ministrar aulas inclusivas? .....	10
<b>Figura 3</b> – Gráfico 3 - Como você vê a importância da Educação Física na vida das pessoas com deficiência? .....	11
<b>Figura 4</b> – Gráfico 4 - Atual panorama dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física .....	12
<b>Figura 5</b> – Gráfico 5 - Pontos citados pelos professores como predominantes para se analisar a realidade dos alunos com deficiência nas aulas de EF .....	13
<b>Figura 6</b> – Gráfico 6 – Disponibilização de Materiais .....	14
<b>Figura 7</b> – Gráfico 7 - Você confecciona ou já confeccionou materiais para trabalhar inclusão nas aulas de Educação Física? .....	15
<b>Figura 8</b> – Gráfico 8 – Condição dada pela escola .....	17
<b>Figura 9</b> – Gráfico 9 – Processo de Inclusão .....	18

## LISTA DE SIGLAS

10ª CRE	Décima Coordenadoria Regional de Educação
AACD	Associação de Assistência a Crianças Defeituosa
APAE	Associação de Pais e Amigos dos excepcionais
DANTs	Doenças e Agravos Não Transmissíveis
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
IPA	Instituto Porto Alegre
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
ONU	Organização das Nações Unidas
PcD	Pessoa com deficiência
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal da Santa Maria
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
URCAMP	Universidade da Região da Campanha



## INTRODUÇÃO

Com o decorrer da graduação, fomos naturalmente nos aproximando da docência através da matriz curricular do curso e podemos observar algumas dificuldades nossas e dos colegas que envolviam diversos fatores desde a metodologia de ensino até a falta de confiança para ministrar nossas primeiras aulas, entretanto, algumas experiências que tivemos acabaram por chamar mais nossa atenção para um tema importantíssimo na área da docência em Educação Física: A inclusão. E a partir dela a complexidade do tema.

Através do projeto Inclusão em Movimento, projeto de pesquisa em andamento que funciona na escola E.M.E.I. Cecília Meireles localizada na rua Venâncio Aires, 2436 no bairro São João, Uruguaiana-RS e conta com suas atividades sendo realizadas aos sábados as 14:00 horas e também dos alunos com deficiência que tivemos durante o estágio, percebemos a falta de preparo no trato com o público alvo, não aprendemos a tratar efetivamente com a inclusão e mesmo quando fomos buscar fora da universidade o conteúdo para amparar essa falta de conhecimento notamos a escassez de materiais que auxiliem o docente a implementar ações que de fato incluam.

Para Stainback e Stainback (1999), a experiência de sentir-se incluído está vinculada a estruturação de um senso coeso de comunidade, aceitação das diferenças e resposta às necessidades individuais e partindo deste princípio acreditamos que a escola de maneira geral e mais especificamente o professor devam proporcionar esta aceitação e suprimento de algumas necessidades individuais, não só para alunos com deficiência, mas para todos fazendo com que o grupo todo de alunos entenda que todos são diferentes mas suas particularidades podem formar um conjunto eficiente e sociável.

Baseados na ideia de que é necessário um contexto inclusivo para que haja de fato uma inclusão, continuaremos buscando materiais teóricos que temos a disposição, mas também buscamos a experiência prática de docentes que já enfrentaram estas mesmas dificuldades e conseguiram criar métodos para proporcionar a prática para todos e tentaremos entender os principais problemas e soluções encontradas por quem trilha o árduo caminho da educação no Brasil.

No Brasil, as principais legislações e resoluções desenvolvidas relacionadas a este assunto são: Decreto Federal nº 914, de 6 de setembro de 1993, preconizando como uma das diretrizes da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 – Lei Pelé – que destaca, entre seus princípios fundamentais, a democratização do esporte, garantido em condições de acesso às atividades desportivas sem quaisquer distinções ou formas de discriminação, nos termos do art. 2º, inciso III. E prevê dentre outras coisas, a elaboração de projeto de fomento da prática desportiva para pessoas portadoras de deficiência (artigo 5, 4) (BRASIL, 1998) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9394/96 (BRASIL, 1996), que determina que a educação passe a ser direito de todos, e que as escolas devem implantar uma política de inclusão para as pessoas com deficiência na rede regular de ensino e vale ressaltar, como cita Cunha (2013, p. 15) que a LDB foi influenciada fortemente pela Declaração de Salamanca (1994) para redigir estas determinações que passam a ser fundamentais para que o processo de inclusão seja implementado de fato no Brasil.

Como citada e ressaltada no parágrafo anterior, a Declaração de Salamanca tem suma importância na mudança de tratamento e condição social que viveram as pessoas com deficiência nas últimas décadas no Brasil e no mundo. Ela ocorreu em junho de 1994, quando mais de 300 participantes, representando 92 governos e 25 organizações internacionais fizeram uma proclamação e um apelo à governantes de todo o mundo, para que se alinhassem às ideias que o grupo acreditava e defendia, tais como: que cada criança tenha o direito à educação e a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem, que os sistemas de educação fossem planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades e que os governos concedessem maior prioridade, através das medidas de política e através das medidas orçamentárias, ao desenvolvimento dos respectivos sistemas educativos, de modo a que pudessem incluir todas as crianças, independentemente das diferenças ou dificuldades individuais. Entre outros pontos que pautaram consenso mundial sobre as futuras orientações da educação das crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

Após a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência das Nações Unidas, que ocorreu em 2006, passou a ser recomendado mundialmente o termo “PcD” para nos referirmos à pessoas com deficiência e portanto, utilizaremos este termo considerando ser, diante de uma variedade de outras expressões usadas e que carregam estigmas e discriminações, um termo que atende aos propósitos de igualdade a todos que acreditamos, independentemente de suas diferenças. Atualmente já evoluímos muito nos termos utilizados para referirmos a pessoas com deficiências (PcD) entretanto é comum notarmos termos retrógrados sendo usados e por isso é importante ressaltarmos o panorama geral para que se entenda o porquê utilizaremos este termo (PcD) e frisar também que jamais houve ou haverá uma única expressão correta e, portanto, não temos a intenção de carregar aqui uma verdade absoluta.

Como cita SASSAKI em seu artigo licenciado pelo Instituto Rodrigo Mendes e DIVERSA, intitulado: “Como chamar as pessoas que têm deficiência?”

[...] os deficientes têm sido ao longo do tempo chamados de diversos termos como: inválidos, incapacitados, incapazes e defeituosos, até que entre 1960 e 1980 com a fundação da Associação de assistência à criança defeituosa (AACD), hoje denominada Associação de assistência à criança deficiente e as primeiras unidades da Associação de pais e amigos dos excepcionais (Apae). A sociedade passou a utilizar novos termos, que focalizam as deficiências em si, entre eles: deficiente (“indivíduos com deficiência” em geral, independente do tipo) e excepcionais (para pessoas com deficiência intelectual). Na década de 80 houve um grande avanço no tocante a terminologias, foi nesta época que a Organização das Nações Unidas (ONU), determinou 1981 como ano internacional das pessoas deficientes e esta adição do termo “pessoas” acabou igualando deficientes e não deficientes em direitos e dignidade.

Posteriormente este termo “pessoa deficiente” também foi contestado, com a alegação que o termo definia a pessoa toda como deficiente, passando a ser utilizado o termo “portadores de necessidades especiais” que foi e ainda é muito utilizado, entretanto como podemos ver ao longo da história, novos termos sempre foram sendo criados para substituir equívocos ou amenizar formas de tratamento pejorativas e assim aconteceu também com este último termo, que em meados dos anos 2000, o termo “pessoa com deficiência” passou a ser utilizado inclusive como forma de empoderamento, motivados por grupos,

organizações e também pela declaração de Salamanca, que preconiza essa expressão.

Dado todo este panorama histórico, devemos ressaltar que os movimentos mundiais de pessoas com deficiência, incluindo os do Brasil já expuseram seu interesse em ser chamados de “pessoas com deficiência”. Esse termo fez parte do texto da Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, adotado pela ONU em 2006, ratificado com equivalência de emenda constitucional no Brasil através do Decreto Legislativo nº 186 e promulgado por meio do Decreto nº 6.949, em 2009. Alguns princípios básicos para que os movimentos chegassem a essa terminologia foram: Não esconder ou camuflar a deficiência, mostrar com dignidade a realidade da deficiência, combater eufemismos que tentam diluir as diferenças, tais como “pessoas com capacidades especiais”, “pessoas com eficiências diferentes”, “pessoas com habilidades diferenciadas”, “pessoas deficientes”, “pessoas com disfunção funcional” etc. (SASSAKI, 2014).

## JUSTIFICATIVA

Justificamos este trabalho pela crença que temos na educação como ferramenta de transformação social e não de repetição de velhos hábitos, como a exclusão de deficientes físicos que tem ocorrido há muito tempo em nossa sociedade (FERREIRA; DAOLIO 2014). Acreditamos que assim como tantos outros conteúdos desta abrangente área que é a Educação Física, a inclusão deve ser estudada e ser tema de diversos trabalhos científicos, para que possamos oferecer referencial teórico de confiança para todos que a buscam e mais do que isso para que possamos passar experiências reais que visem a imersão do leitor no mundo da docência que é carregado de dificuldades e intempéries, mas que tem o poder de transformar a sociedade.

Acreditamos que a inclusão é uma ferramenta abrangente de transformação e viver a inclusão social é algo extremamente importante, tanto para o deficiente como para os que convivem com ele. Além disso, essa prática de forma recorrente colabora na formação de adultos pacientes, solidários e com um senso de responsabilidade social para com os outros (GOMES 2012).

Na literatura disponível e buscada até o momento, encontramos algumas regulamentações e leis estaduais e municipais que definem os direitos das pessoas com deficiência e suas relações com as práticas de atividades físicas e o esporte em geral, a exemplo do Decreto nº 53.603, de 23 de outubro de 2008 que instituiu o Comitê de Apoio ao Paradesporto, que deve tomar medidas como: incentivar e promover a máxima participação possível das pessoas com deficiência na prática usual de atividades esportivas em todos os níveis e assegurar que as pessoas com deficiência tenham acesso aos locais de eventos esportivos, recreativos e turísticos (BRASIL, 2008).

Enquanto futuros professores, percebemos ao longo destes sete semestres que o papel do professor de Educação Física, está para além de técnicas e compreensões corporais, embora esta seja sua tarefa, e a consideramos importante, mas valores como solidariedade, compaixão e agir coletivo em prol do outro, aquele igual, porém diferente em suas possibilidades, tem nos movido e nos instigado a ponto de nos debruçarmos neste estudo.

## OBJETIVOS

### **Objetivo Geral:**

Analisar quais são as condições e dificuldades encontradas pelos docentes que buscam a inclusão a partir das práticas corporais nas escolas do município de Uruguaiana-RS.

### **Objetivos Específicos:**

- Investigar as dificuldades encontradas pelos docentes para realizar esta prática inclusiva;
- Conhecer as soluções encontradas pelos docentes para incluir os alunos em suas aulas;
- Entender a realidade vivenciada por discentes e docentes em seu contexto diário.
- Oferecer nas escolas atividades criadas no projeto “Inclusão em Movimento”, o qual somos pesquisadores;
- Construir uma cartilha com atividades inclusivas que possam ser utilizadas por diversos profissionais da área em contextos diferentes que estejam inseridos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho partiu de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo e exploratório, sobre a inclusão de pessoas com deficiência em aulas de Educação Física, que se iniciou com uma curadoria que tinha como objetivo encontrar quais as escolas continham alunos com deficiências em idade de prática escolar de Educação Física, afim de analisar as possibilidades que a escola oferecia aos mesmos e observar possíveis campos de pesquisa para aplicarmos nossos questionários e observações.

Em um segundo momento buscamos um contato com os professores de Educação Física destas escolas, afim de entender suas dificuldades para realizar a inclusão destes alunos ou o motivo de não os incluir. Nesta fase também realizamos um novo contato com professores e com acadêmicos do projeto “Inclusão em Movimento” que é formado por discentes de Educação Física e fisioterapia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Campus Uruguaiana, que proporcionam prática esportiva para pessoas com deficiência, para buscarmos as soluções que os mesmos encontram para ofertar esporte aos seus alunos, através de seus planos de aula e algumas atividades que se utilizam para esta prática.

No terceiro momento realizamos a catalogação destas informações e a criação de uma cartilha com estas atividades e planos de aula, afim de proporcionar para as escolas da cidade, através da Secretária Municipal de Educação (SEMED) e da Décima Coordenadoria Regional de Educação (10ª CRE) este conteúdo já desenvolvido por alguns professores e acadêmicos, na intenção de que o mesmo chegue ao conhecimento de todos os outros professores que não pudemos contatar ou que por ventura não realizem a prática inclusiva em suas aulas, servindo assim como base para uma possível futura inclusão.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Norteados pelos objetivos de entender como ocorre a inclusão com base nos contextos reais em que alunos e professores estão inseridos, aplicamos um questionário com 18 (dezoito) perguntas referentes a temas como: formação acadêmica do profissional e experiência na área, percepções sobre a deficiência e materiais e infraestrutura disponíveis para a realização de suas aulas.

O questionário foi aplicado para 20 (vinte) professores da rede pública de ensino de Uruguaiana-RS, entretanto, alguns professores não retornaram o documento e/ou se recusaram a participar do estudo, portanto apenas 15 (quinze) questionários foram usados como base de dados para o estudo.

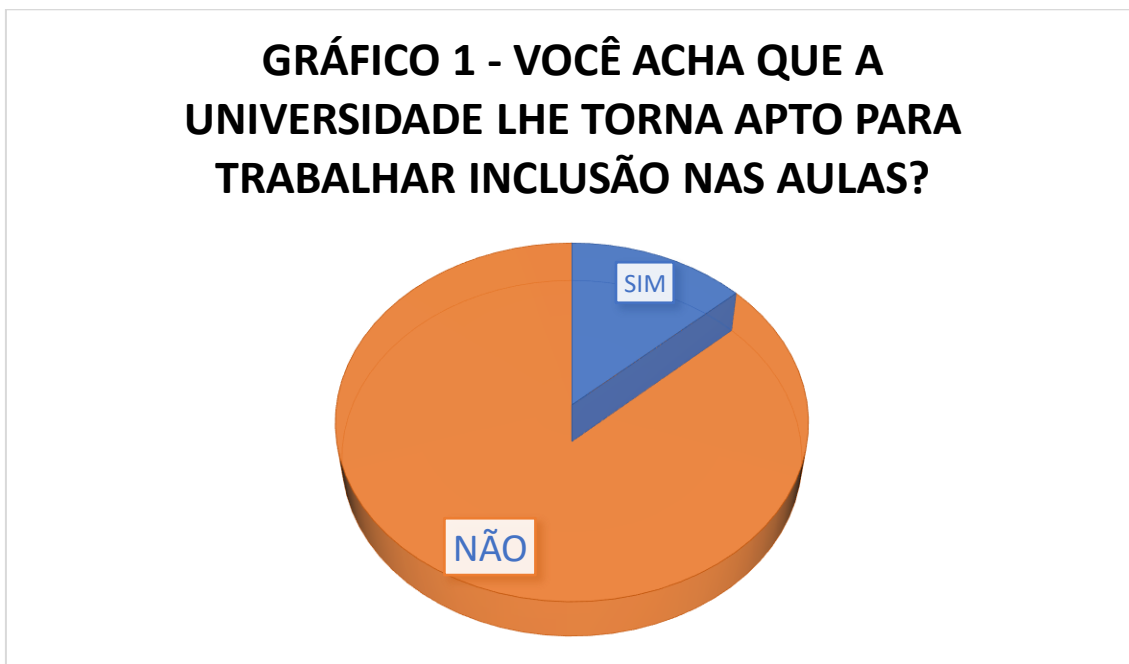
Faggion (2011) cita que na Educação Física não é interessante praticar por praticar, mas sim discutir com o aluno o porquê da prática, para que ele possa entender e vivenciar seu aprendizado, e Rodrigues (1995) completa dizendo que é por isso que se fazem importantes as informações, vivências e experiências do professor, para que possa ajudar o aluno a entender o que está sendo feito e porque está. Guiados também por estas ideias entendemos que só é possível entender a realidade de uma prática se formos ao encontro dela nos diferentes contextos em que a mesma ocorre, porque basearmo-nos em um panorama geral não nos dá um resultado real, é necessário colocar uma lupa sobre a inclusão nas aulas de Educação Física e entender como são e porque são assim.

Contamos com a participação de 8 professoras e 7 professores, de 10 escolas municipais localizadas em 8 bairros distintos da cidade de Uruguaiana-RS, com média de 38 anos de idade e com uma experiência média de 6 anos de trabalho inclusivo nas escolas da rede pública de ensino.

Quanto a formação dos profissionais, contamos com a participação no questionário de 6 (seis) professores formados na Urcamp (Universidade da Região da Campanha), 5 (cinco) professores formados na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), 2 (dois) professores formados no IPA (Instituto Porto Alegre), 1 (uma) professora formada na UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) e 1 (uma) professor formada na UFSM (Universidade Federal de Santa Maria).



Entre os 15 (quinze) professores consultados, como mostra abaixo o gráfico 1, apenas dois disseram achar que a faculdade torna os professores aptos há trabalharem com inclusão em suas aulas e o que surpreendeu foi que mesmo os professores que não tiveram contato durante a formação acadêmica com PcD também concordaram que a faculdade não os torna aptos para este trabalho.



E mesmo um dos profissionais que assinalou a opção “sim” usou o espaço destinado para observações que deixamos sempre após todas questões, para ressaltar que mesmo se sentindo preparado foi só após a prática nas escolas que ele percebeu um real aprendizado, dando a entender que a faculdade o tornou apto em teoria mas só a vivência na escola o tornou apto na prática.

Ainda sobre o tema de formação dos professores, o questionário indagava se os mesmos trabalham ou já trabalharam com inclusão fora da escola e tivemos um panorama de 7 profissionais que já trabalharam e 8 que nunca tiveram esta experiência fora da escola.

Conhecendo a realidade da nossa cidade podemos inferir que além do interesse pessoal de cada professor, a falta de projetos que visem trabalhar com pessoas com deficiência pode ser um fator determinante para que mais da metade dos profissionais questionados não tenham experimentado esta prática fora da escola, visto que os profissionais que tiveram este contato foram através da Equoterapia e do projeto DANTs (Projeto Doenças e Agravos Não

Transmissíveis), dois conhecidos projetos que oportunizam estas experiências, portanto acreditamos que se houvesse mais projetos com este objetivo o número de profissionais experimentados seria conseqüentemente maior.

Dada esta constatação, falamos com os professores sobre a possibilidade de conhecerem e fazerem parte do Projeto Inclusão em Movimento, que surgiu a pouco mais de um ano e pode ser uma boa oportunidade de experiência para profissionais já formados e acadêmicos, além é claro de proporcionar uma inclusão social e prática dos alunos e integrantes, visando sempre a melhor preparação dos profissionais para o trato com a comunidade em geral, visto que todo aprendizado e experiência do professor é passado para a comunidade através da escola.

Como ultima pergunta do tema que se refere a formação dos professores, o questionário tratava da origem dos subsídios utilizados pelos mesmos para ministrar suas aulas e a esmagadora maioria dos professores citou buscar atividades e conteúdos da internet, o que é fácil de entender devido a facilidade do acesso que temos nos dias de hoje.

Entretanto o que mais chama a atenção neste aspecto é, como mostra abaixo o gráfico 2, é que apenas 1 (um) professor citou as reuniões pedagógicas como fruto de subsídio para ministrar as suas aulas, bem como apenas um outro professor citou buscar cursos para aperfeiçoamento.

**Gráfico 2 - Qual meio você utiliza para buscar subsídios para ministrar aulas inclusivas? (Livros, artigos, revistas...)**

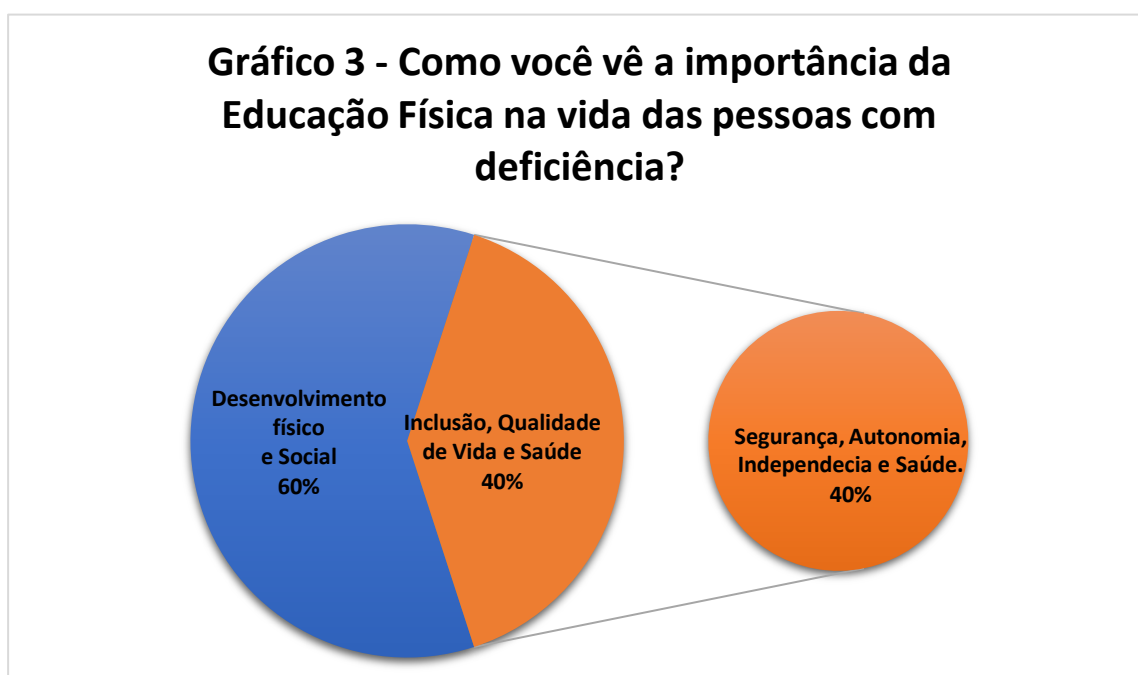


Agora tratando sobre o tema “percepções sobre deficiência” ficou nítida a falta de uma definição comum sobre o que é de fato deficiência, entretanto a maioria dos professores citou ser uma dificuldade/limitação permanente motora ou cognitiva, ou perda de algum movimento ou órgão. Entretanto, a maioria dos docentes se esforçou para tentar, com suas palavras, exemplificar o que seriam as deficiências de fato e conseguir passar a ideia de que de uma maneira geral como uma limitação de origem motora ou mental que cause dificuldades para a execução de tarefas sejam elas físicas ou intelectuais.

Dando prosseguimento, o questionário trazia uma pergunta sobre como o professor vê a importância da Educação Física na vida das PcD e tivemos 2 grandes eixos de resposta, em que 9 (nove) professores responderam estritamente que a Educação Física pode auxiliar no desenvolvimento físico e Social dos alunos com deficiência e 6 professores responderam basicamente que sua importância como professores desse público vinha da capacidade de proporcionar inclusão, qualidade de vida e saúde para estes alunos.

Dentre as respostas que caracterizamos dentro deste grande eixo de “qualidade de vida e saúde” estavam frases que citavam a Educação Física como promotora de segurança, autonomia, aumento da independência e o auxílio na saúde propriamente dita, de maneira geral.

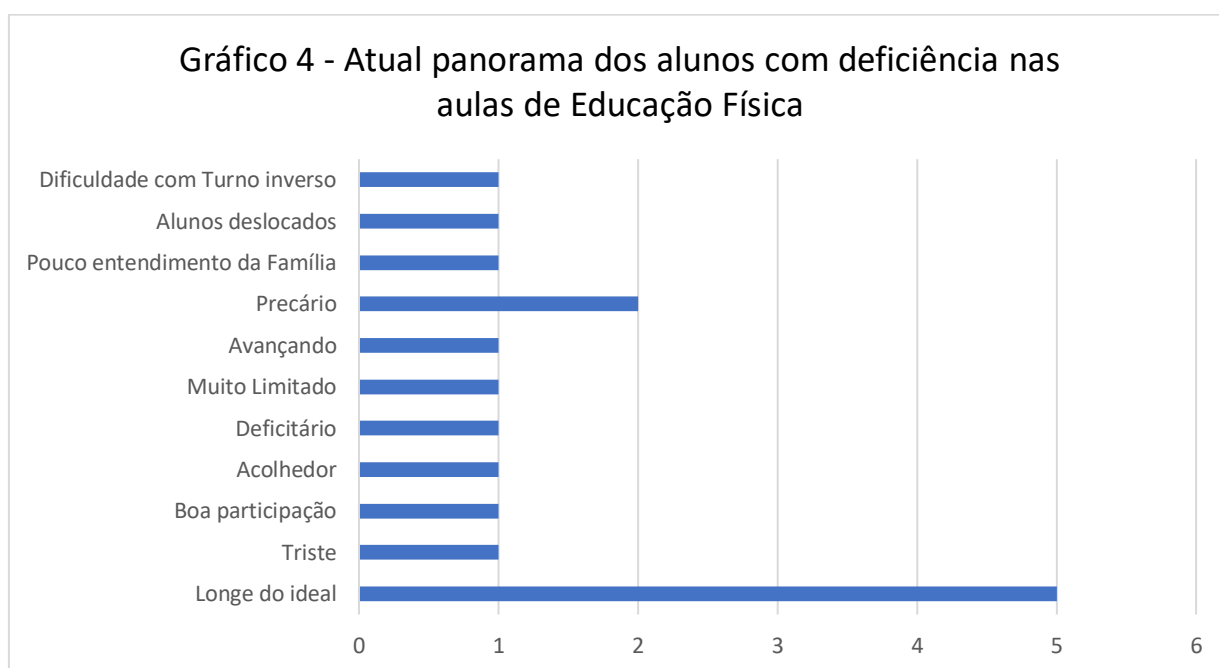
Podemos ver no gráfico abaixo estes dados divididos nestes dois grandes grupos de principais benefícios da Educação Física para pessoas com deficiência, segundo os professores entrevistados.



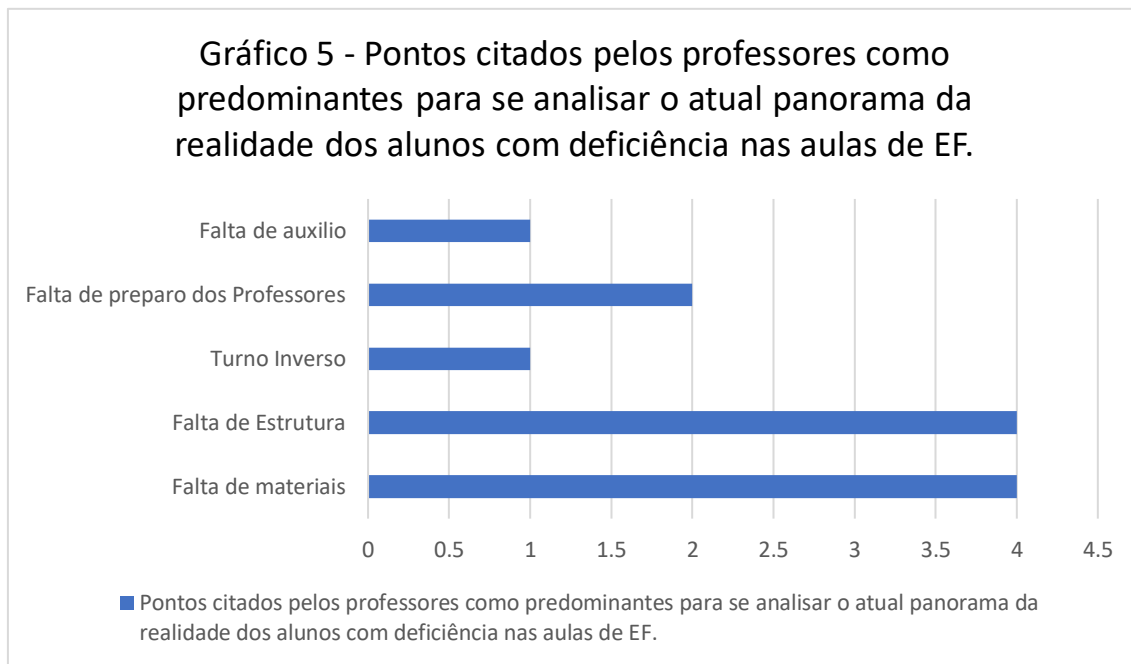
No seguimento das perguntas, o questionário trazia a indagação sobre como os professores viam o atual panorama dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física e a resposta foi quase unanime, 13 (treze) professores ressaltaram claramente a distância que existem entre a realidade das aulas de Educação Física inclusivas e o objetivo ainda utópico que desejamos para o futuro da inclusão.

Entre todas as respostas, todos ressaltaram que precisamos evoluir e mesmo que possamos observar através das perguntas que há um certo consenso em que a inclusão está de certa forma melhorando, há muita reclamação em relação a estrutura e materiais adaptados, que acabam travando este avanço do processo inclusivo nas escolas.

Podemos ver no gráfico 4, a diversidade de adjetivos usados para descrever o atual panorama da inclusão de alunos com deficiência nas aulas.



Ainda nesta questão, o gráfico 5 mostra os principais motivos que levaram os professores a identificar este panorama de maneira tão negativa.



A falta de auxílio para o professor, assim como o turno inverso foram citados uma vez como fator predominante para a manutenção do atual panorama negativo que vivem os alunos inclusos nas aulas de Educação Física, a falta de preparo dos professores também foi lembrada, por dois professores, já a falta de estrutura e a falta de materiais adaptados foram lembrados quatro vezes cada, mostrando que são, para os professores indagados, as principais causas da manutenção do atual cenário dos alunos, entretanto estes aspectos voltaram a ser lembrados nas próximas e na última pergunta do questionário, em que os professores ressaltaram as principais dificuldades que eles encontram para conseguir incluir os alunos e aí poderemos fazer uma relação com os dados que eles relacionam ao mantimento do atual panorama dos alunos.

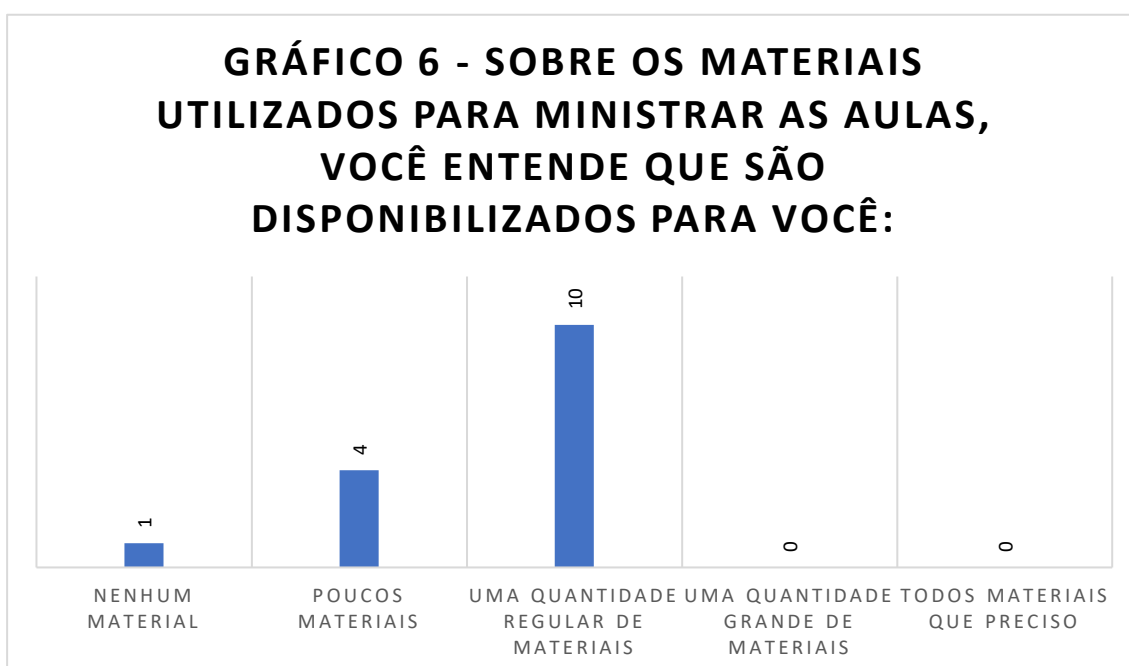
A próxima questão trata justamente de um ponto debatido e ressaltado anteriormente, que é a disponibilidade de materiais para a prática dos professores.

Eles foram indagados através do questionário sobre a quantidade de materiais que a escola disponibiliza para que eles possam ministrar suas aulas, e tinham 5 opções de resposta: 1 – Nenhum material, 2 – Poucos materiais, 3 –

Uma quantidade regular de materiais, 4 – Uma quantidade grande de materiais e 5 – Todos os materiais que preciso.

10 (dez) professores responderam que têm a sua disposição através da escola, uma quantidade regular de materiais, enquanto 4 (quatro) professores responderam que dispõem de poucos materiais e 1 (um) professor disse que não dispõe de nenhum material oriundo da escola.

É sabido que no sistema público de ensino a quantidade de materiais disponibilizados não é exorbitante e Aguiar (2009) destaca que se a disponibilidade de materiais for diferente das necessidades adequadas para a realização da atividade planejada pelo professor, a qualidade e a dinâmica das aulas podem ser influenciadas, portanto fica nítido pelo fato de nenhum professor citar que tem todo material que necessita à sua disposição ou nem se quer uma quantidade grande dos materiais que necessita, que um dos ponto fundamentais para que o processo inclusivo ocorra de maneira satisfatória é a falta de materiais que acomete os professores da cidade e acaba por corroborar com o estudo de Prandina e Santos (2016) que citam que a falta de materiais é Dentre outras razões uma das principais culpadas pelo desinteresse ou ausência de motivação Dos alunos para participar das aulas de Educação Física.



Falando sobre materiais e cientes da falta deles, a pergunta seguinte do questionário tratava de um assunto recorrente durante a graduação e exercício da profissão de professor de Educação Física, que é a confecção de materiais.

Foi recorrente durante os estágios curriculares obrigatórios e outras atividades a necessidade de confecção de alguns materiais para a possibilidade de execução de algumas propostas, portanto indagamos os professores sobre este tema importante na área e principalmente na inclusão de alunos, visto que a falta de materiais, principalmente os adaptados, é grande.

O questionário trazia a pergunta: “Você confecciona ou já confeccionou materiais para trabalhar inclusão nas aulas de Educação Física?” e tinha como opções de resposta “sim” e “não”, bem como um espaço para observações dos professores.

Como podemos observar no gráfico 7, seis professores responderam que não confeccionam materiais para suas aulas e nove professores responderam que sim e ainda nomearam alguns materiais feitos, como vendas, bolas, bastões e fitas e citaram que usam também tecido TNT, jornais e garrafas para adaptações.

Gráfico 7 - Você confecciona ou já confeccionou materiais para trabalhar inclusão nas aulas de Educação Física?



A questão C, do eixo de perguntas sobre materiais e infraestrutura sofreu uma falha de digitação que acarretou na perda de sentido da frase, o que pode

ter influenciado nas respostas dos professores, portanto não foram levados em conta os dados obtidos nesta questão para a avaliação do resultado do estudo, entretanto a questão tratava de temas já debatidos anteriormente, como a falta de materiais e infraestrutura e acabou sendo citada na última questão do questionário também, portanto a desconsideração desta questão não afeta os resultados do trabalho.

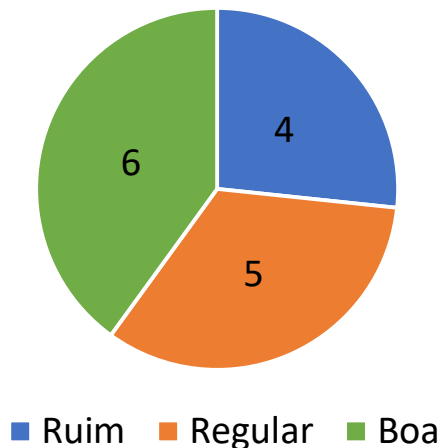
A última questão do eixo de perguntas referentes aos materiais e infraestrutura disponíveis para a realização da prática do profissional com seus alunos tratava da opinião do professor sobre a condição dada a ele pela escola para trabalhar com a inclusão em suas aulas e tinha como objetivo avaliar baseado nas respostas anteriores qual o saldo final da relação entre professor e escola, visto que foram sempre levantados pontos referentes ao auxílio da escola para a prática inclusiva e neste momento era hora do professor classificar como um todo essa participação da escola no processo inclusivo das aulas de Educação Física.

Como pode ser observado no gráfico 8, a pergunta era: “Como você classifica a condição que lhe é dada pela escola para trabalhar com inclusão nas aulas de Educação Física de uma maneira geral:”, e haviam como opções para resposta as alternativas: 1 – muito ruim, 2 – Ruim, 3 – Regular, 4 – Boa e 5 – Muito Boa.

4 (quatro) professores classificaram a condição dada pela escola para o trabalho inclusivo nas aulas de Educação Física como “Ruim”, 5 (cinco) professores classificaram como “Regular” e 6 professores classificaram como “Boa”.



Gráfico 8 - Como você classifica a condição que lhe é dada pela escola para trabalhar com inclusão nas aulas de Educação Física de uma maneira geral:



Para finalizar, a última questão era sobre as dificuldades que o professor julgava serem limitantes do processo de inclusão a pergunta está escrita no questionário da seguinte maneira: “Cite quais são, na tua opinião, as principais dificuldades para que consigamos incluir alunos deficientes nas aulas de Educação Física.”

O objetivo desta questão era enumerar os diversos aspectos debatidos durante toda a pesquisa e verificar quais os principais pontos são caracterizados pelos profissionais que vivem a prática na realidade como limitadores desta inclusão, nas respostas obtivemos diversos temas que corroboram com os resultados já encontrados nas outras perguntas deste questionário, entretanto foram ressaltados mais veementemente agora alguns pontos como por exemplo: a falta de algum auxiliar para o professor, que já havia sido citado anteriormente mas agora apareceu como justificativa para a inclusão dos alunos que muitas vezes se encontram em um contexto com mais de um deficiente em uma turma de 30 ou mais colegas, o que torna inviável a inclusão de maneira contínua e correta.

Aproveitando deste ponto ressaltado, podemos também citar que três professores se referiram ao grande número de alunos em uma mesma turma como fator predominante de dificuldade do processo inclusivo, bem como a falta de preparo dos professores também foi lembrada por outros quatro profissionais

que também citaram a dificuldade de colocar o planejamento em prática como obstáculos para a inclusão.

Entretanto, nenhum obstáculo foi mais lembrado do que a falta de estrutura e materiais disponíveis para a realização das aulas, durante toda a pesquisa sempre foram lembradas estas dificuldades e no final não foi diferente, um tópico que não havia sido mencionado e apareceu de maneira importante nesta última questão foi em relação ao turno inverso, em que alguns professores ressaltaram que pelo fato de a Educação Física ser realizada no turno inverso já impossibilita que muitos alunos compareçam e quando tratamos de alunos com deficiência isso se atenua ainda mais, devida a falta de acessibilidade e a disposição de algum familiar, já que dependendo da deficiência o discente necessita do auxílio de terceiros.

Trazemos no gráfico 9 um panorama final sobre o que foi ressaltado pelos professores nesta última questão e que retrata, como dito anteriormente, o cenário geral do que foi debatido durante todo estudo. Podemos dizer baseados na experiência dos professores e em seus relatos que os principais motivos para a manutenção desse processo inclusivo precário que vivem as pessoas com deficiência no Brasil, mas mais especificamente em Uruguaiana, estão diretamente relacionados a falta de preparo e interesse em se especializar dos professores, a falta de estrutura que as escolas dispõem para a realização das práticas, o contraturno, o demasiado número de alunos para um único professor e a falta de materiais como um todo, mas principalmente adaptados.

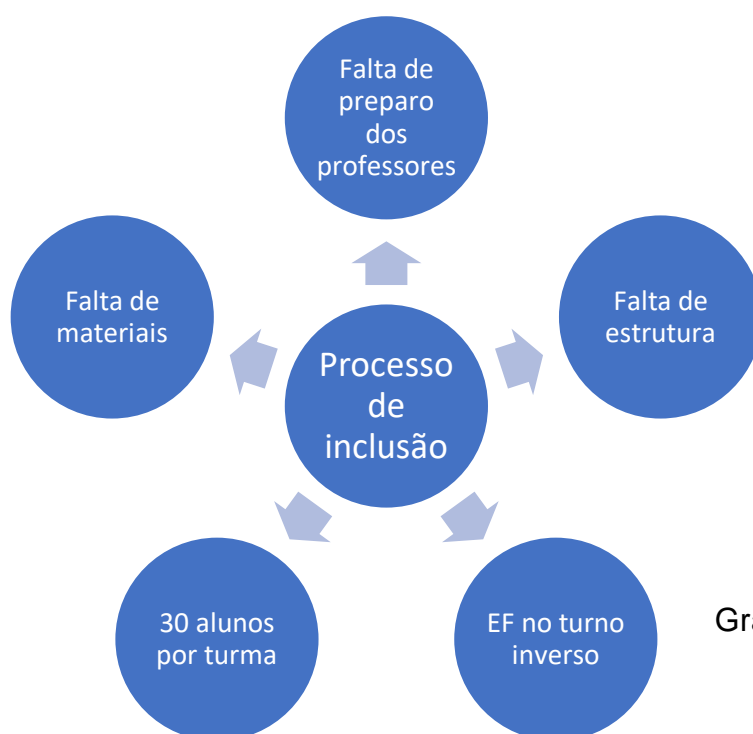


Gráfico 9

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo podemos perceber de forma bem clara o atual cenário que vive a educação física inclusiva em Uruguaiana-RS e podemos também perceber que é uma ilusão cobrar dos professores que haja um processo inclusivo satisfatório se os profissionais não dispõem do mínimo necessário para realizarem suas atividades e enfrentam inúmeras dificuldades que só agravam a tentativa de construir um contexto inclusivo e abrangente.

Acreditamos em uma educação transformadora e humanitária, que abrace os alunos e a comunidade e auxilie na transformação da sociedade através dos docentes, preparados e amparados para tal, sendo assim conseguimos ver diversas possibilidades para que a inclusão das PcD ocorra em qualquer contexto social que esteja inserida, entretanto é necessário que haja interesse para tal.

Este estudo evidencia que a temática da inclusão está presente nos pensamentos dos docentes e que os mesmos sabem da precariedade que enfrentamos no que diz respeito a ações inclusivas para os alunos, seja na Educação Física ou na sociedade como um todo, entretanto os próprios profissionais não consegue mudar esta realidade, deixando de lado a ressalva já feita de que são necessários materiais e estrutura para tal, os próprios professores reconhecem que falta preparo para os docentes da região e quando foram perguntados sobre os subsídios usados para o enriquecimento dos conteúdos apenas um professor citou buscar cursos especializados, o que mostra que de fato, há poucas pessoas especializadas e mesmo buscando especialização para tentar mudar este fato que enfrentamos.

É impossível julgarmos contextos sem estarmos inseridos neles, por isso o presente estudo busco profissionais atuantes na área e também por isso não podemos pontuar porque os professores não se especializam, já que não sabemos o quem eles tem buscado perante suas carreiras e quais dificuldades tem enfrentado neste processo difícil da docência na rede pública brasileira, portanto podemos definir que é necessário que haja uma reformulação de sistema e de ideias, é necessário que as reuniões pedagógicas abranjam estes temas e é necessário que as universidades formem profissionais preparados para este contexto, evidenciado pelo presente estudo.

É difícil conceber que a universidade deva formar professores preparados para todo tipo de dificuldade e é óbvio que só a prática traz experiência para proporcionar uma segurança ao docente em suas aulas, entretanto é clara a falta de contato com a realidade inclusiva que enfrentam os profissionais da Educação de uma maneira geral, como cita Lima (2002, p.40) quando diz que há uma queixa geral de estudantes de pedagogia, de licenciatura e dos professores: “Não fui preparado para lidar com crianças com deficiência” e este aspecto é percebido com ainda mais ênfase nas respostas dos profissionais observados por este estudo quando apenas 2 (dois) dos 15 (quinze) entrevistados disseram sentir que a faculdade forma profissionais preparados para trabalhar a inclusão.

Foi justamente por julgarmos que a faculdade não nos tornou aptos para trabalhar este tema que nos interessamos tanto por ele e buscamos tanto entender esta realidade e buscamos seguir com esta transformação lenta e gradual que visa uma sociedade mais igualitária em um futuro que esperamos, não seja tão distante.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. S., (2009). Construção de Materiais curriculares na Educação Física Escolar. X EnFEFE - Encontro Fluminense de Educação Física Escolar.

ALVES, M. L. T; DUARTE, E. A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 117-137, jan/mar de 2013.

COSTA E SILVA, Anselmo de Athayde. Esporte Adaptado: abordagem sobre fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeiras de rodas. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2013.

CUNHA, L. M. O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de educação física. Vitória, 2013.

FAGGION, Carlos Alberto. A prática docente dos professores de Educação Física no Ensino Médio das escolas públicas de Caxias do Sul. Do corpo: Ciências e Artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011

FERREIRA, F. M; DAOLIO, J. Educação física escolar e inclusão: alguns desencontros. Revista Kinesis, ed. 32 vol 2, jul-dez de 2014, Santa Maria.

GOMES, C. M. N. O direito básico que todos possuem em conviver com a diferença: o processo inclusivo das crianças portadoras de deficiências. Em tempo - Marília - v. 11 – 2012.

MIOTTO, A. C. F; O currículo prescrito para educação inclusiva: a proposta curricular e a inclusão dos alunos com deficiência visual. Rev. Educ. Espec., Santa Maria, v. 23, n. 37, p. 195-206, maio/ago. 2010 Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>


PRANDINA, M. Z; DOS SANTOS, M. L. A educação física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. Horizontes – Revista de Educação, Dourados, MS, v.4, n.8, julho a dezembro 2016.

RODRIGUES, M. R. Educação Física Escolar: temos o que ensinar? Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 1, p. 47, 1995.

SASSAKI, R. K. Como chamar as pessoas com deficiência? DIVERSA; 2014.

STAINBACK, W. STAINBACK, S. Colaboração, rede de apoio e construção de comunidade. In: Stainback W, Stainback S. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.

## ANEXOS

  
unipampa  
Universidade Federal de Pampa

**Questionário para professores do Trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:  
"Possibilidade de superação dos limites de implementar a Educação Física inclusiva em  
Uruguaiana-RS."**

**1. Dados pessoais**

a) Nome: \_\_\_\_\_

b) Sexo: \_\_\_\_\_

c) Idade: \_\_\_\_\_

**2. Formação dos professores**

a) Formação acadêmica:  
Universidade: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

b) Você teve contato com pessoas com deficiência durante a formação? (alunos, colegas, professores...)  
( ) Sim ( ) Não

Obs:

c) Acha que a faculdade lhe torna apto para trabalhar com a inclusão nas aulas?  
( ) Sim ( ) Não

Obs.:

d) A quanto tempo trabalha com inclusão escolar?

e) Trabalha ou já trabalhou com inclusão fora da escola?

f) Qual meio você utiliza para buscar subsídios para ministrar aulas inclusivas? (Livros, artigos, revistas...)

**3. Percepções sobre deficiência.**

a) O que você entende por deficiência?

b) Como você vê a importância da Educação Física na vida das pessoas com deficiência?

c) Como você vê o atual panorama de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física?

d) Como você percebe o papel do professor na inclusão dos alunos com deficiência na Educação Física escolar?

**4. Materiais e infraestrutura:**

a) Sobre os materiais utilizados para ministrar as aulas, você entende que são disponibilizados para você:

1 – Nenhum Material	2 – Poucos materiais	3 – Uma quantidade regular de materiais	4 – Uma quantidade grande de materiais	5 – Todos os materiais que preciso

b) Você confecciona ou já confeccionou materiais para trabalhar a inclusão nas aulas de Educação Física?

( ) Sim ( ) Não

Obs.:

c) Em sua opinião, como a falta de materiais, incentivos e estruturas adaptadas podem restringir o desenvolvimento deste tema?

( ) Sim ( ) Não

Obs.:

d) Como você classifica a condição que lhe é dada pela escola para trabalhar com inclusão nas aulas de Educação Física de uma maneira geral:

1 - Muito ruim	2 – Ruim	3 - Regular	4 – Boa	5 - Muito Boa

Obs.:

**5) Dificuldades.**

a) Cite quais são, na tua opinião, as principais dificuldades para que consigamos incluir alunos deficientes nas aulas de Educação Física:





Crislo

Universidade Federal do Pampa

Questionário para professores do Trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:  
"Possibilidade de superação dos limites de implementar a Educação Física inclusiva em  
Uruguiana-RS."

## 1. Dados pessoais

- a) Nome: Giessamari da Fontoura  
 b) Sexo: Feminino  
 c) Idade: 41 anos

## 2. Formação dos professores

- a) Formação acadêmica:  
 Universidade: Unicamp Aqueleto Ano: 2003  
 b) Você teve contato com pessoas com deficiência durante a formação? (alunos, colegas, professores...)

Sim ( ) Não

Obs:

- c) Acha que a faculdade lhe torna apto para trabalhar com a inclusão nas aulas?

( ) Sim (X) Não

Obs.:

- d) A quanto tempo trabalha com inclusão escolar?

Sempre que tem algum aluno com necessidade especial.

- e) Trabalha ou já trabalhou com inclusão fora da escola?

Sim

- f) Qual meio você utiliza para buscar subsídios para ministrar aulas inclusivas? (Livros, artigos, revistas...)

Livros, cursos, internet

## 3. Percepções sobre deficiência.

- a) O que você entende por deficiência?

Tudo aquele que tem alguma dificuldade física ou motora.

- b) Como você vê a importância da Educação Física na vida das pessoas com deficiência?

É importante para a convivência social, e seu desenvolvimento físico.

- c) Como você vê o atual panorama de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física?

Muitos são acolhidos pelos outros alunos de uma maneira harmoniosa

- d) Como você percebe o papel do professor na inclusão dos alunos com deficiência na Educação Física escolar?

É muito importante para que o aluno sinta acolhido pelo professor e colegas.

## 4. Materiais e infraestrutura:

- a) Sobre os materiais utilizados para ministrar as aulas, você entende que são disponibilizados para você:

1 - Nenhum Material	2 - Poucos materiais	3 - Uma quantidade regular de materiais	4 - Uma quantidade grande de materiais	5 - Todos os materiais que preciso
	X			

- b) Você confecciona ou já confeccionou materiais para trabalhar a inclusão nas aulas de Educação Física?

(X) Sim ( ) Não

Obs.: Com garrafas, jornal + ...

- c) Em sua opinião, como a falta de materiais, incentivos e estruturas adaptadas podem restringir o desenvolvimento deste tema?

(X) Sim ( ) Não

Obs.: Vai de professor e da escola buscar material.

- d) Como você classifica a condição que lhe é dada pela escola para trabalhar com inclusão nas aulas de Educação Física de uma maneira geral:

1 - Muito ruim	2 - Ruim	3 - Regular	4 - Boa	5 - Muito Boa
			X	

Obs.:

## 5) Dificuldades.

- a) Cite quais são, na tua opinião, as principais dificuldades para que consigamos incluir alunos deficientes nas aulas de Educação Física:

+ Muitas vezes é a própria família que não auxilia o aluno.  
 É a falta de apoio dos governantes em manter um local adequado e material para todos